

Redwing Keyssar: Enfermeira, Parteira para Moribundos, Cerimonialista

Há uma razão para chamá-la de Mãe Terra. A natureza nos ensina. Ela nutre. Protege. Tudo o que nasce, vem deste planeta e de nossa própria encarnação física na Terra. E, em troca, devemos honrar e respeitar a Terra, como fazemos com nossas mães. A vida de Redwing Keyssar é um testamento desses princípios, e sua jornada é a insígnia dessa relação.

As conexões de Redwing com plantas medicinais psicodélicas se estendem por várias décadas, desde explorações juvenis, por meio de atividades acadêmicas, até a trajetória de uma vida de dedicação no cuidado de pacientes crônico-evolutivos. Os medicamentos vegetais foram professores cruciais em sua vida. Redwing extraiu experiências, ensinamentos e influências de diferentes fazeres ritualísticos/cerimoniais ao se conectar com a Terra, incluindo as tradições indígenas norte-americanas, budistas e pagãs/celtas. Para Redwing, a maioria de seus professores espirituais e curandeiras, eram mulheres. Aprender com mulheres e plantas medicinais a manteve conectada à Mãe Terra.

Exploração Juvenil

Em sua adolescência na década de 1960, crescendo em Nova Jersey - EUA, Redwing aprendeu sobre psicodélicos simplesmente por viver em uma cultura que fazia experiências com substâncias que alteram a consciência de maneiras "mais públicas". Os psicodélicos estavam nas notícias. Timothy Leary, Ram Dass, o Grateful Dead, Janis Joplin - todos estavam tomando ácido e "dropando em suas *trips*". As notícias no jornal de sua cidade local declaravam que 99% de sua escola havia

¹ Link (versão original): <https://chacruna.net/redwing-keyssar-nurse-midwife-to-the-dying-ceremonialist/>

² Bióloga e Psicoterapeuta - Pós-graduada em Psicologia Transpessoal

experimentado maconha. (Os pais de todos pensavam que seus filhos, é claro, estavam no 1% que não!) Era a época de Woodstock e o "Verão do Amor".

Buscando Conhecimento e Conexão

Embora as drogas recreativas fossem onipresentes em seus círculos sociais, ela sempre teve a sensação de que esses “remédios” deveriam ser usados para aprender mais sobre a psique e a condição humana. Suas experiências, ela explicou, não eram sobre como escapar, ou tomar uma substância simplesmente para fins recreativos. Ela sempre quis aprender mais sobre sua conexão com os outros, com o universo e com a criatividade. A mescalina, do cacto peiote, por exemplo, pode ser um professor temperamental - permitindo enfrentar aberturas mentais difíceis e também estimulantes. Foi sua primeira “professora” no reino psicodélico. A interpretação de Huxley de abrir as "portas da percepção" fez sentido para Redwing, em uma idade precoce, permitindo-lhe passar por essas portas, criar obras de arte relacionadas às suas experiências e, finalmente, fazer mudanças drásticas no caminho de sua vida.

Desilusão Acadêmica

Pensar fora da caixa veio naturalmente para esta curandeira iniciante. Destinada à faculdade de medicina na década de 1970, Redwing matriculou-se na Brown University. Cercada por professores do sexo masculino no auge do movimento feminista, no entanto, a universidade foi um campo de batalha para interpretar diferentes tipos de evidências. A evidência personificada, ou conhecimento experimental, alimentou o ativismo pela saúde da mulher na época, levando a publicações marcantes, como *Our Bodies Ourselves* (escrita pelo Boston Women's Health Collective), que desafiava a ideia de que médicos (ou políticos) do sexo masculino pudessem realmente compreender as experiências das mulheres ou tomar decisões sobre seus direitos e corpos reprodutivos.

Esse sentimento não se aplica apenas aos direitos reprodutivos e às questões de saúde das mulheres. Redwing tentou essa lógica em uma aula de filosofia, onde usou suas experiências com a mesalina como tema de um ensaio, relacionando as teorias de Martin Buber sobre o "Eu e Tu", a seus próprios entendimentos espirituais pessoais. Seu professor não ficou convencido, o que lhe deixou impressionada, acerca da rapidez com que suas experiências podiam ser invalidadas na academia.

Aprendendo além da Academia

Deixando para trás seus sonhos da faculdade de medicina, Redwing abandonou a universidade e os confins da Costa Leste, mas continuou aprendendo com diversos professores sobre as relações entre os seres humanos e a Terra.

Aprender a como apreciar os medicamentos vegetais, despertou a curiosidade de Redwing a estudar com a Terra.

Foi enquanto vivia na zona rural do norte da Califórnia que ela experienciou os ensinamentos da cerimônia do peiote nativo americano, bem como, as propriedades curativas de outras plantas psicodélicas. Esses ensinamentos desempenharam um papel extremamente importante na formação de suas atitudes em relação à vida e à morte, bem como na compreensão de sua própria capacidade de ouvir sua intuição, estar presente e entender o que significa "manter um espaço sagrado".

Redwing Keyssar: Professora e Cerimonialista

Ela sente que sua experiência em liderar cerimônias de várias naturezas nos últimos 40 anos formou seu desejo e capacidade de ser uma professora no campo de cuidados paliativos, bem como em áreas criativas, como liderar workshops de "Medicina Poética". Começando com as cerimônias de peiote, Redwing aprendeu a apreciar as lições tiradas dessas plantas, em termos de acessar suas próprias habilidades para curar e ser curada, e para "canalizar" informações de "reinos", além

do nosso mundo tridimensional típico. Estava claro para ela que a intenção e o ritual eram partes essenciais para criar comunidades de cura e compreender a conexão de todos os seres.

Cerimônia

A cerimônia com o peiote, não se resume a seu consumo, mas envolve respeito, ritualística e deferência. Antes de tomar peiote - ou qualquer outro psicodélico - é preciso se preparar. A preparação pode envolver jejum e meditação, plantar sementes de intenção, mas necessariamente requer que se prepare emocionalmente, fisicamente e espiritualmente para as aulas, que então devem ser integradas à vida diária. As plantas professoras podem revelar percepções importantes, mas o consumidor precisa estar pronto para aceitar e integrar os ensinamentos. Do contrário, por que pedir/orar por um tipo de cura?

Acima de tudo, o aspecto cerimonial das plantas psicodélicas tem muito a nos ensinar sobre todos os rituais de vida e morte. Redwing explica que as plantas psicodélicas são uma ferramenta espiritual e emocional que pode ser útil para se estabelecer e aprender a confiar em nossos corpos e mentes. Esta lição é essencial para que possamos usar o conhecimento experiencial como curadores e cuidadores, especialmente com aqueles no final da vida.

É importante notar aqui que, embora as ritualísticas cerimoniais básicas com plantas psicodélicas tenham sido ensinadas a muitos brancos e transmitidas a outros, ainda há muitas controvérsias sobre os não-indígenas que usam esses ensinamentos em contextos outros. Na comunidade espiritual de Redwing, esta controvérsia é reconhecida e tem oração. As cerimônias também evoluíram nos últimos 40 anos para se tornarem um tipo diferente de ritual, baseado nas tradições e ancestrais de todos os participantes.

Ela sente que esta evolução honra as raízes indígenas de tantas tradições de cura com plantas medicinais, enquanto, ao mesmo tempo, permite a transmissão de

tradições de cura para culturas e comunidades que precisam de ensinamentos espirituais e de cuidados que ressoam com as nossas experiências de viver no mundo em pleno século XXI, a Era de Aquário - onde ainda esperamos que o Amor guie as estrelas.

Uma Tragédia Estimula a Cura

Em 1988, Redwing enfrentou uma tragédia que esclareceu sua jornada nas artes da cura. Uma querida amiga sofreu uma série de ferimentos brutais em um acidente de motocicleta que a deixou incapacitada e presa a aparelhos de suporte vital em uma unidade de terapia intensiva. Sob o emaranhado de cabos, o barulho das máquinas que apitavam e sob as luzes fluorescentes do quarto de hospital, a amiga de Redwing estava morrendo.

Ao longo de suas visitas diárias, os pensamentos de Redwing derivaram para as memórias de sua própria avó, uma forte judia que era enfermeira e parteira na virada do século XX na Rússia. Redwing sentiu que "ouviu" a voz de sua avó, deixando-a saber que seu destino, sua razão de estar na Terra neste momento, era ser uma parteira para os moribundos. Naquele momento Redwing comprometeu-se a retomar os ensinamentos da faculdade de medicina, a fim de se tornar enfermeira e cuidar de pessoas neste período de suas vidas.

Parteira para Moribundos

Nos últimos 30 anos, Redwing trabalhou com cuidados paliativos como enfermeira, parteira para moribundos, professora e autora. Sua carreira é anterior à introdução das unidades de cuidados paliativos em hospitais, quando estes cuidados ao morrer, frequentemente ocorriam sem a consideração de todos os níveis de sofrimento físico, mental e espiritual - em unidades de oncologia, pois os pacientes enfrentavam diagnósticos terminais sem muita discussão ou em UTIs onde o

“suporte de vida” invasivo não era questionado. Foi só no início da década de 1980 que os Hospices³ passaram a ser uma oferta do Medicare nos Estados Unidos, e levou muito mais anos para que as pessoas incorporassem a filosofia mais ampla de cuidados paliativos em hospices e ambientes hospitalares. Ela observa que ainda estamos trabalhando nessa integração em 2020.

Independentemente de onde as pessoas morrem, afirma Redwing, ainda vivemos em uma cultura com fobia de morte. Preferimos esconder isso. Ainda evitamos falar sobre morrer com os vivos. Mas, suas experiências e percepções ao lado da cama de centenas de pacientes são lembretes pungentes de que a morte faz parte da vida e pode ser uma bela transição. Ela narra isso em seu livro, *Last Acts of Kindness, Lessons for the Living from the Bedsides of the Dying*⁴ (Últimos atos de bondade, Lições para viver ao lado da cama dos moribundos), 2011.

A Jornada do Câncer de Redwing

Redwing continuou a buscar inspiração e novas percepções de suas próprias experiências corporais. Em 2013, ela se deparou com o próprio diagnóstico de câncer, experiência que lhe agregou conhecimentos no que se refere a empatizar e orientar as pessoas no processo de enfrentamento de uma doença grave, desde o dia do diagnóstico.

Durante suas próprias sessões de quimioterapia, Redwing pesquisou quais “fitoterápicos” estavam na origem de seus tratamentos. Taxol, uma quimioterapia comum, vem de uma bela árvore de Teixo verde e roxo. A carboplatina, um dos

³ Hospices, Hospedarias, ou ainda, a Casa para as Pessoas que Morrem, é um conceito que nasce na Idade Média, ao se espalharem pelos Caminhos de Peregrinação. O movimento hospice moderno, surge de forma estruturada então no pós-guerra - 1948, 1950 e da priorização específica por cuidados que até então, deixaram agudas as questões do sistema de saúde inglês da época - reabilitação, aumento do número de idosos, mudanças demográficas, aumento de doenças crônico-degenerativas, assim como, por outro lado, um aumento do número de especialidades médicas. A definição de Hospice supera o conceito vinculado a um espaço físico apropriado aos cuidados paliativos, estando mais relacionado a um conceito filosófico, reconhecendo o cuidar respeitoso, a conciliação dos diversos profissionais que dele fazem parte, em suas práticas e relações interpessoais ali construídas, trazendo para a centralidade dessa fase do processo o conceito da Boa Morte. Em um Hospice, os pacientes participam ativamente das escolhas sobre como viverão e experimentarão a experiência do Morrer, de forma consciente, tendo suas escolhas privilegiadas. (MONTEIRO, 2020 - O lar para as pessoas que morrem - o movimento hospice modernos sob a perspectiva transpessoal).

⁴ <https://redwingkeyssar.com/book/>

agentes quimioterápicos à base de platina, vem originalmente da molécula de Platina - uma bela rocha negra e brilhante. De natureza psicodélica? Não. Mas as origens de plantas medicinais de poder? Sim!

Ela montou fotos dessas plantas e pedras e arranjou um altar de cura, cada vez que ela entrou no centro de tratamento para realizar suas sessões. Este ritual é apenas uma maneira pela qual a compreensão da medicina vegetal e da oração se tornou uma ferramenta útil e prática em sua vida.

Extremamente grata pelos poderes curativos da quimioterapia e dos medicamentos ocidentais, Redwing também continua a recorrer aos ensinamentos dos medicamentos vegetais para ajudar na sua cura.

Medicamentos de plantas psicodélicas obviamente fazem parte dos “cuidados paliativos”, diz Redwing. Aqueles que sofrem de doenças graves frequentemente lidam com questões de sofrimento emocional, psicológico, espiritual e existencial, que a medicina ocidental não possui ferramentas e meios para tratar. O futuro promissor da legalização de psicodélicos para quem sofre de doenças graves, faz parte da evolução da consciência desta Era de Aquário.

Redwing nos alerta para usarmos esses medicamentos com sabedoria, com intencionalidade, de preferência com profissionais experientes ou indivíduos que saibam como criar cerimônias significativas/simbólicas. Expandir nossos "reinos" de consciência e abrir nossas próprias “portas da percepção” pode ser uma das maneiras pelas quais poderemos realmente curar a nós mesmos, nossos entes queridos e nossa querida Mãe Terra.